



REVISTA DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UERJ

PPGH
HISTÓRIA

VOLUME 14 | N. 02
JUL-DEZ DE 2020

DIA LOGOS



Dia-Logos

REVISTA DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

v. 14, n. 2, jul./dez. 2020



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Reitor

Ricardo Lodi Ribeiro

Vice-reitor

Mario Sérgio Alves Carneiro

Pró-reitor de Graduação (PR-1)

Lincoln Tavares Silva

Sub-reitor de Pós-graduação e Pesquisa (PR-2)

Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

Pró-reitora de Extensão e Cultura (PR-3)

Claudia Gonçalves de Lima

Pró-reitora de Políticas e Assistência Estudantis (PR-4)

Catia Antonia da Silva

Diretora do Centro de Ciências Sociais

Dirce Eleonora Nigro Solis

Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Jaime Antunes da Silva

Vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Mônica Leite Lessa

Coordenadora-Geral do Programa de Pós-graduação em História

Beatriz de Moraes Vieira

Coordenador-Adjunto do Programa de Pós-graduação em História

Carlos Eduardo Pinto de Pinto

Coordenador do Doutorado

Fabiano Vilaça dos Santos

Coordenadora do Mestrado

Marina Monteiro Machado

Dia-Logos

REVISTA DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

v. 14, n. 2, jul./dez. 2020



Capa

Anderson Albérico Ferreira

Imagem

Abóbada - CCBB Rio

©Anderson Albérico, 2017.

Diagramação

Daniel Marcos Martins

Karoline Marques Machado

Juliana da Silva Sabatinelli

Revisão

Anderson Albérico Ferreira

Daniel Marcos Martins

José Marcos Paula Pessoa Freitas

Karoline Marques Machado

Ronald Lopes de Oliveira

Pareceristas *Ad Hoc* desta edição

Anderson Marcelo Schmitt (UFSC); Cintia Nascimento de Oliveira Conceição (PUC-Rio); Dalton Sanches (UFOP); Danillo Avellar Bragança (UFF); Felipe Matos; Gilciano Menezes Costa (UFF); Israel Silva Aquino (UFRGS); Julian Abascal Sguizzardi Bilbao (USP); Jussara Rodrigues da Silva (UFOP); Leon Adan Gutierrez de Carvalho (UFPR); Lucio Reis Filho (UAM); Márcio dos Santos Rodrigues (UFPA); Mauro Franco (UFOP); Natanael de Freitas Silva (UFRJ); Patrícia Trindade Trizotti (UNESPAR); Robert Porto Castro (PUC-RS); Rodrigo Marins Marretto (Marins); Rodrigo Pereira (UFRJ); Romulo Gabriel Barros (UFPE); Roni César Andrade de Araújo (UFMA).

Conselho Editorial

Alex Brito Ribeiro – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Anderson Albérico Ferreira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Daniel Marcos Martins – Faculdades Integradas Campo Grandenses, Brasil

Isadora de Mélo Escarrone Costa – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

José Marcos Paula Pessoa Freitas – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Juliana da Silva Sabatinelli – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Karoline Marques Machado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Clara Martins Cavalcanti – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Mariana Franco Teixeira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Monique Santana de Oliveira Sousa – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ronald Lopes de Oliveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Consultivo

Dr. Airan dos Santos Borges – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Dr. Alex Gonçalves Varela – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Dr. Alexandre Moraes – Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dr. Anderson Martins Esteves – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Dr. André Bueno – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Bruno Peres – Universidade Federal Fluminense, Brasil
Dr. Carlos Alvarez Maia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Carlos Gregório dos Santos – Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Dr. Daniel Barbosa – Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Dr. Daniel Pinha – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Edgar Leite Ferreira Neto – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Fabiano Vilaça Santos – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Fernando Roberto de Freitas Almeida – Universidade Federal Fluminense, Brasil
Dr. Guilherme Pereira das Neves – Universidade Federal Fluminense, Brasil
Dr. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Luiz Felipe Ferreira Verrão – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Luiz Reznik – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Marcos Pirateli – Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Dr. Oswaldo Munteal Filho – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Paulo Duarte – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Paulo Roberto Gomes Seda – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Ricardo Antônio Souza Mendes – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Tânia Maria T. B. da Cruz Ferreira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Sílvio de Almeida Carvalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Dr. Williams da Silva Gonçalves – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Beatriz Vieira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Carolina Barcellos Dias – Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Dra. Danielle Gallindo – Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Dra. Edna Maria dos Santos – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Eliane Garcindo de Sá – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Erica Sarmiento da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Laura Moutinho Nery – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Lená Medeiros de Menezes – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Lúcia Maria Paschoal – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Márcia Gonçalves – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Maria Emília da Costa Prado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Maria Regina Candido – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Marilene Rosa Nogueira da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Monique de Siqueira Gonçalves – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Dra. Priscilla Leite Gontijo – Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Correspondência

Rua São Francisco Xavier, 524 – Bloco F – 9º andar – sala 9.037
Maracanã – Rio de Janeiro RJ – CEP 20.550-013
Tel./Fax: (21) 2334-0678 e-mail: rev.dialogos@gmail.com

Todos os textos são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição da editoria ou da instituição responsável por esta publicação.

Sumário

7 **Apresentação**
Editorial

ARTIGOS

8 **Conexões e integração: algumas considerações sobre o paradigma da história global**
Felipe Alexandre Silva de Souza

21 **Cinema e fronteira: questões e apontamentos acerca do “estado da arte” das pesquisas atuais**
Eduardo Barreto de Araújo

APRESENTAÇÃO

A nova equipe editorial da Revista Dia-Logos, organizada pelos alunos da Pós-Graduação em História Política da UERJ, celebra a publicação de mais um volume importante e marco de nossas atividades na comunidade acadêmica. Esse volume apresenta trabalhos com temáticas importantes e demasiadamente novas no horizonte do fazer histórico. Trata-se de artigos que se concentram no campo do Cinema e no campo da História Global, assuntos que cada vez mais vem crescendo em quantidade e qualidade nas diferentes publicações acadêmicas da área de História.

O número conta com o artigo “Conexões e integração: algumas considerações sobre o paradigma da história global”. Nele, Felipe Alexandre Silva de Souza apresenta as principais propostas metodológicas da história global, um dos paradigmas de pesquisa histórica mais discutidos nos últimos anos, em especial no mundo anglo-saxão. Além disso, o trabalho chama atenção para as ideias de conexão e de integração, que em conjunto direcionam a uma perspectiva de análise histórica mais ampla, possibilitando a apreensão de dimensões do objeto de pesquisa que talvez passassem despercebidas em abordagens tradicionais.

Esta edição também apresenta a publicação de “Cinema e fronteira: questões e apontamentos acerca do “estado da arte” das pesquisas atuais”, de Eduardo Barreto de Araújo. Nesse artigo é possível mergulhar num levantamento acerca das principais temáticas estudadas acerca dos termos “cinema” e “fronteira”. O levantamento analisou o banco de dados da Capes, UFSM (Programa de Pós-Graduação em História), o catálogo da Unbral Fronteiras, bem como revistas no banco da Capes Periódicos. Sendo assim, o artigo mostra-se demasiadamente fecundo, pois lança proposições para campos de pesquisas futuras que busquem preencher lacunas nas pesquisas envolvendo o cinema e os espaços onde ele se manifesta.

Desejamos que a escolha dos artigos dialogue com as pesquisas desenvolvidas pelo leitor e que possibilite a ampliação dos debates históricos.

Boa leitura!

Equipe editorial da Revista Dia-Logos.

ARTIGO

Conexões e integração: algumas considerações sobre o paradigma da história global¹

*Connections and integration: general
comments on global history paradigm*

*Conexiones e integración: algunas
consideraciones sobre el paradigma
de la historia global*

Felipe Alexandre Silva de Souza
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

¹ Este texto foi escrito graças ao auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Resumo

Pretende-se apresentar sumariamente as principais propostas metodológicas da história global, um dos paradigmas de pesquisa histórica mais discutidos nos últimos anos, em especial no mundo anglo-saxão. Dispensaremos especial atenção às noções de conexão e de integração, que em conjunto direcionam a uma perspectiva de análise histórica mais ampla, possibilitando a apreensão de dimensões do objeto de pesquisa que talvez passassem despercebidas em abordagens tradicionais.

Palavras-chave: História global; Integração; Conexões.

Abstract

Our aim is to make a short presentation of the methodological proposals of global history, one of the most discussed historical research paradigms during the last years, specially in the Anglo-saxan world. We are going to focus on the notions of connections and integration, which combined allow a broader analysis perspective, enabling comprehension of certain dimensions of the research object that may pass unknown by more traditional approaches.

Keywords: Global history; Integration; Connections

Resumen

Pretendemos hacer una breve presentación de las propuestas metodológicas de la historia global, uno de los más discutidos paradigmas de investigación histórica en los últimos años, sobretudo em el mundo anglo sajón. Vamos a focar em los conceptos de conexiones e integración, que permiten una perspectiva más ancha, permitiendo la comprensión de ciertas dimensiones del objeto de investigación que tal vez si quedasen desconocidas en enfoques más tradicionales.

Palabras clave: História global; Integración; Conexiones.

Introdução

Dentre as tendências que nas últimas décadas despontaram no campo dos estudos históricos, a chamada história global (*global history*) tem chamado particular atenção pelo seu potencial em permitir novas perspectivas de análise em temas já muito estudados. Especialmente no mundo anglófono, mas

também na Europa e no extremo asiático, incontáveis eventos acadêmicos e periódicos vêm apresentando pesquisas que pretendem levar em conta as “dimensões globais” nas quais seus objetos de pesquisa se inserem.

É evidente que toda corrente historiográfica é filha de seu tempo. Como registra Conrad (2016), o interesse dos pesquisadores em tratar seus temas desde uma perspectiva menos provinciana resulta não apenas de questões restritas às discussões acadêmicas. O fim da Guerra Fria e posteriormente os atentados de 11 de setembro de 2001 impulsionaram os interesses pelos processos globais, já despertados pela crescente integração econômica e cultural a que assistimos nas últimas décadas do século XX. O aumento da diferenciação étnica em certos países — causada pelo aumento dos fluxos migratórios — gerou demandas por interpretações do passado que fossem menos restritas aos limites nacionais. O próprio corpo de historiadores profissionais, nos EUA e na Europa Ocidental, apresenta atualmente uma composição muito mais diversa em termos de etnia e origem, e graças às revoluções nas comunicações iniciadas na década de 1990, têm muito mais acesso a viagens, fontes de pesquisa e comunicações com colegas de todas as partes do mundo. Um dos resultados de todos esses processos é que os pesquisadores têm acesso a diversas narrativas concorrentes. Essa diversidade de vozes indica a possibilidade de novos *insights* para temas clássicos — daí a relevância da história global.

Todavia, o próprio termo *história global* potencializa muitos erros de interpretação, e definir exatamente de que se trata essa perspectiva de pesquisa não é tarefa simples — especialmente levando-se em conta que pelo menos a partir da segunda metade do século XX tem sido ampla a difusão de métodos e linhas de pesquisa que podem facilmente se confundir com a história global, entre elas a *história mundial* e a *história transnacional*. O objetivo principal deste breve texto é trazer uma definição geral da perspectiva da história global, focando em duas de suas principais orientações metodológicas: a ênfase nas *conexões* e intercâmbios intersociais e, principalmente, examinar os objetos de pesquisa buscando possíveis questões causais em âmbito de escala global, ou seja, levando em conta os níveis de *integração* nos quais se encontram as diversas sociedades do mundo — para Conrad (2016, p.72), é justamente esse movimento de considerar “grandes formas de transformação e integração estruturadas que distingue a história global de outras abordagens [...]”.

Definindo a perspectiva da história global

Em busca de uma compreensão clara da *global history*, faz-se necessário, na esteira de Ficker (2014), distinguirmos entre *enfoque* e *objeto*. A história global não deve ser entendida aqui como um objeto de estudo, ou seja, como uma proposta de se fazer uma história omnicomprensiva que pretenda estudar literalmente todos os processos sociais existentes no planeta. O que a história global propõe é um enfoque, uma nova forma de se abordar um objeto de estudos delimitado. “Nessa acepção, o enfoque global resgata uma dimensão dos fenômenos que pode incluir, mas transcende a esfera local, nacional, regional.” (FICKER, 2014, sp). Existem fenômenos que são *globais* em si mesmos — *e.g.* as transações financeiras internacionais no início do século XXI, ou qualquer outro elemento típico do que se chama *globalização* —, mas que podem ou não ser abordados desde uma perspectiva global. Como registra Ficker (2014), o *fenômeno* pode ser reconhecido lateralmente como parte de um amplo processo em escala planetária, mas sua abordagem pode seguir um caráter convencional. Em contrapartida, essas questões — e, sempre que seja pertinente, outras não tradicionalmente reconhecidas como globais — podem ser tratadas por intermédio de um enfoque propriamente global.

A diferença é sutil, e poderemos melhor compreendê-la ao comparar a perspectiva da história global com os antigos trabalhos que, ao longo do século XX, se colocavam como pesquisas de *história mundial*, pretendendo abarcar todo o mundo e incluir os mais importantes acontecimentos políticos, militares, econômicos e sociais que transcorreram em um determinado período. Segundo Ficker (2014), essa acepção propunha não apenas uma abrangência planetária, mas também longos períodos de tempo, não raro abordando vários séculos. A história mundial se interessa principalmente pela inclusão de fatos e processos, algumas vezes comparando-os, mas raramente estabelecendo conexões de influência entre eles.

Conrad (2016) pontua que esse tipo de perspectiva macro tende a operar comparações em grande escala entre sociedades ou entre civilizações inteiras. As trocas e interações entre esses blocos civilizacionais não são de forma alguma ignoradas, mas o foco se coloca sobre as diferentes trajetórias dessas sociedades, cujas dinâmicas são descritas como movidas fundamentalmente por elementos

internos. Aqui o procedimento é basicamente de soma, e a expansão quantitativa de informações não é acompanhada de mudanças qualitativas — não se buscam elementos de processos mais amplos para analisar acontecimentos históricos específicos. Cada caso é tomado como se fosse inteiramente compreensível em si mesmo. Quando se buscava alguma conexão, geralmente essas histórias analisadas paralelamente eram colocadas como polos receptores de influência dos centros de poder econômico (geralmente Europa Ocidental e EUA) que, por sua vez, agiam apenas como difusores cuja força, criada internamente, não sofreria injunções “externas” significativas. A lógica restrita não é rompida, e o resultado é uma explicação marcadamente eurocêntrica que coloca as sociedades ocidentais como força motriz das transformações históricas.

Algumas das principais abordagens que problematizam tal leitura eurocêntrica não alcançam necessariamente uma perspectiva mais ampla. Diversas vertentes dos estudos pós-coloniais, subalternos e marxistas se empenham em abordar a difusão econômica, política e cultural do ocidente em chave negativa, interpretando-a como uma expansão imperialista e violenta, ao contrário das interpretações laudatórias tradicionais. Por outro lado, alguns pesquisadores vêm se dedicando a procurar paralelos do desenvolvimento europeu em outras sociedades na África, Ásia e nas Américas. Segundo esses historiadores, várias sociedades extra-europeias possuíam esse mesmo ímpeto para a racionalização e evolução no sentido capitalista. Tanto uma quanto outra perspectiva continua a enxergar as sociedades como blocos contidos por um perímetro delimitado, e as interações com o exterior são vistas ainda em termos de difusão e recepção. Segundo Conrad (2016), tanto as interpretações eurocêntricas quanto esses contrapontos que listamos acabam por cair em uma visão de história em última instância teleológica: o destino da humanidade estaria traçado de antemão e seu resultado seria uma civilização no modelo ocidental capitalista. As variáveis seriam apenas as formas pelas quais esse estágio final seria objetivado.

Comparemos agora esse brevíssimo esboço da chamada história mundial com o paradigma mais recente da história global. De acordo com Ficker (2014), os primeiros trabalhos que adotam uma perspectiva global tal como aqui a entendemos datam da final da década de 1980, embora muito antes do

surgimento de uma história global assim identificada seja possível perceber desenvolvimentos precursores espalhados por tradições historiográficas diversas — das quais se destacam o trabalho de Fernand Braudel na segunda geração do movimento dos *Annales* e a análise de sistemas-mundo de Immanuel Wallerstein, de inspiração braudeliana e marxista. No início dos anos 1990 se chegou a uma consciência mais concreta das especificidades da história global, e esta começou de fato a se impor como uma perspectiva de análise distinta. O livro coletivo *Conceptualizing global history*, publicado em 1993, pode ser considerado um marco nesse sentido. A partir de então, ficou claro que a história global não se ocupa de macro perspectivas em si mesmas; mais do que isso, esse modelo busca situar fenômenos históricos concretos dentro de contextos mais amplos, potencialmente globais. Como salienta Conrad (2016), as pesquisas em perspectiva global não tomam unidades políticas ou culturais — estados-nação, impérios, civilizações — como pontos de partida. Ao invés, o procedimento é propor uma questão analítica e deixar-se conduzir por essa questão para onde quer que ela leve, colocando as unidades político-culturais tradicionais como elementos secundários na análise.

Conexões

Talvez a característica que primeiramente salta aos olhos quando lemos trabalhos de história global é o dato de que eles são profundamente *relacionais*. Uma unidade histórica — uma família, uma nação, uma civilização — nunca é vista como se desenvolvendo isoladamente. É exatamente por isso que *conexão* é a palavra-chave mais associada com a história global. Ao contrário da antiga história mundial que, como explicamos, reduz as interações a ondas unilaterais e mecânicas de difusão, os pesquisadores de história global enfatizam na fluidez e volatilidade com que se dão as interações entre fronteiras — daí a profusão de termos tais como “trocas”, “entrelaçamentos”, “fluxos” e “redes” (CONRAD, 2016).

Historiadores globais prestam atenção particular ao modo como os indivíduos e sociedades interagem com os outros — e menos em mudanças endógenas. Como resultado, metáforas espaciais — tais como territorialidade, geopolítica, circulação e redes — tendem a substituir o velho vocabulário temporal com termos como desenvolvimento e atraso. (CONRAD, 2016, p.66).

Uma das consequências dessa nova perspectiva é que ela acaba por colocar em questão o eurocentrismo tão comum nas antigas visões. São rejeitadas as leituras teleológicas segundo as quais as sociedades são transformadas desde dentro, seguindo direções pré-determinadas de mudança social (geralmente definidas como *modernidade*), nas quais algumas civilizações estariam em posição mais avançada do que as outras. Isso quer dizer que uma história global dá menos ênfase na diacronia e se detém mais na sincronicidade dos eventos. Nessa perspectiva, vários processos ocorrendo simultaneamente desde o “exterior” do objeto estudado podem ser tão importantes para provocar mudanças quanto longas trajetórias localizadas. Por exemplo, quanto às pesquisas acerca dos ditos processos da modernidade (que englobam o capitalismo, a racionalização, os estados nacionais etc.), as infundáveis buscas — muitas vezes arbitrárias — por origens monolíticas dos fenômenos são muito menos proveitosas do que despender atenção às condições globais e interações por intermédio das quais o mundo moderno teria emergido. Como diz Conrad (2016, p.76): “[...] mudanças locais dentro de um mundo integrado reverberam pelo sistema para afetar suas outras partes”.

É necessário, não obstante, tomar cuidado para não se valorizar indevidamente toda e qualquer conexão tomada de forma abstrata. Os intercâmbios sociais devem ser analisados em sua concretude e especificidade. Trocas de pessoas, bens materiais, e ideias entre as sociedades têm sido uma característica da vida humana desde tempos imemoráveis. Não obstante, apenas alguns desses *links*, e apenas em momentos históricos específicos, foram componentes cruciais de mudança social, ao passo que outros permaneceram contingentes e efêmeros. As conexões são apenas um ponto de partida, e sua importância varia, estando dependente de um rol de circunstâncias. É essencial estabelecer as condições que permitiram o desenvolvimento dessas interações. Ou seja: as trocas podem ser o indício aparente e detectável de uma transformação social mais profunda — uma transformação que fez com que essas mesmas trocas fossem possíveis (ou que adquirissem determinada intensidade). “Uma história global efetiva precisa estar ciente da dimensão sistêmica do passado e do caráter estruturado da mudança social” (CONRAD, 2016, p.70).

Sven Beckert, em seu *Empire of cotton: a new history of global capitalism* (2014), nos fornece uma perfeita ilustração de como uma análise em perspectiva global pode operar de forma bem sucedida. Esse historiador analisa uma rede de intercâmbios muito específica — o comércio de algodão e sua evolução na era moderna —, tendo sempre em vista os processos mais amplos de causação, neste caso a formação e expansão mundial do mercado capitalista. No prefácio, Beckert situa seu trabalho meio aos esforços de repensar os processos históricos por intermédio de uma perspectiva global. A história como disciplina organizada e como profissão, diz ele, se consolidou de forma intimamente relacionada ao estabelecimento dos estados nacionais na Europa, e, conseqüentemente, os processos que transcendiam fronteiras geopolíticas não receberiam a devida ênfase. Seu trabalho pretende ser uma contribuição para contrapor às perspectivas nacionais um foco mais amplo nas redes, identidades e processos que ultrapassam barreiras políticas.

Focando em uma mercadoria específica — o algodão —, e mapeando como ele era cultivado, transportado, financiado, industrializado, vendido e consumido, fomos capazes de ver as conexões entre pessoas e lugares que teriam permanecido nas margens se embarcássemos em um estudo mais tradicional limitado pelas fronteiras nacionais. Em vez de focar em um evento particular, como por exemplo a Guerra Civil Americana, ou em um lugar, como as fábricas de algodão de Osaka, ou em um grupo de pessoas, como os escravos das plantações de algodão das Índias Ocidentais, ou processo, como a transformação dos cultivadores rurais em trabalhadores industriais assalariados, este livro usa a biografia de um produto como uma janela para uma das mais significativas questões que podemos colocar sobre a história de nosso mundo, e reinterpretar uma história de gigantescas conseqüências: a história do capitalismo. (BECKERT, 2014, p.33/34).

O estudo de Beckert nos permite compreender perfeitamente como uma rede de conexões deixa de ser ornamental para se tornar essencial em um processo de escala planetária. Antes de meados do século XIX, explica o autor, não poucos europeus tinham contato com o comércio de algodão: as zonas portuárias de Londres, Hamburgo e Barcelona costumavam receber tecidos de regiões distantes, como a Índia. Em lugares como Dhaka (Bangladesh), Teotihuacan (México) e Kano (Nigéria) pessoas fabricavam tecidos de algodão, parte dos quais era comercializada em regiões longínquas. Na década de 1860, todavia, a situação era muito diferente. Milhões de fusos mecânicos movidos a vapor, operados por trabalhadores assalariados, produziam milhares de toneladas de fio de algodão. As confecções domésticas foram substituídas em larga medida pelo trabalho de milhões de escravos nas *plantation* americanas

localizadas a milhares de quilômetros das fábricas que elas forneciam — fábricas que por sua vez estavam muito distantes dos consumidores para os quais sua produção se destinava. O grosso desse comércio não se movia mais com os camelos das caravanas que cruzavam o Saara, mas sim com os muitos navios a vapor, que atravessavam todos os oceanos do mundo, carregados com algodão da América do Sul e com tecidos manufaturados na Inglaterra (BECKERT, 2014). Dificilmente conseguiríamos encontrar exemplo mais claro do que esse do desenvolvimento de intercâmbios desde seu caráter circunstancial até sua transfiguração em um conjunto de relações substanciais em um período específico.

Integração

O chamado para as dimensões sistêmicas das mudanças sociais deixa claro que, se uma perspectiva global implica atenção especial às conexões, apenas isso não é suficiente para que se faça história global. É necessário que essa perspectiva busque processos de causação no plano global, e “[...] se deseje ser mais do que um repositório ecumênico de encontros através de fronteiras, precisa se engajar sistematicamente com a questão de transformações globais estruturadas e seu impacto na mudança social” (CONRAD, 2016, p.71). Isso pode ser alcançado se trabalharmos com a noção de *integração* global. A qualidade e o impacto das conexões dependem, em última instância, do grau em que diversas sociedades estão integradas em todos mais ou menos sistêmicos.

A premissa básica da noção de integração é que nenhuma sociedade pode ser propriamente entendida de maneira isolada, e que a mudança social é parcialmente dependente dos intercâmbios entre grupos. Falar de integração é presumir que esses contatos não são ornamentais e efêmeros, mas causam impactos significativos e são recorrentes, capazes de moldar trajetórias de uma forma relativamente consistente. Na prática, o conceito de integração não pode deixar de ser elusivo, e a relevância ou não relevância das conexões deve ser aferidas por intermédio do escrutínio de cada caso, assim como as fronteiras do todo que tais comunicações integram (CONRAD, 2016).

É importante registrar que, nesse sentido, o conceito de integração guarda semelhanças com a noção sociológica de estrutura. Todavia, não devemos tomar as chamadas “estruturas sociais” como entidades autônomas,

sob o risco de que em última instância a história acabe apresentada como se fosse movida por forças desprovidas de agência humana. Ao contrário, alerta Conrad (2016), são as práticas individuais que produzem e reproduzem as estruturas. A atividade cotidiana dos homens constantemente confere transformações e dinâmica a esses grandes processos que costumamos definir como estruturas. Integração e conexões são duas categorias que, se podem ser separadas por razões de metodologia e exposição, nos processos históricos concretos estão profundamente entrelaçadas: as estruturas são resultado e dependem dessas interações. Ao fim e ao cabo, as estruturas são produto da ação, interação e colisão de diversas políticas, econômicas, culturais — forças humanas. Cabe ao pesquisador aferir as forças concretas de influência nos casos específicos. Seguindo essa linha de raciocínio, acreditamos ser possível afirmar que uma das vantagens da história global enquanto perspectiva é que ela talvez tenda a reduzir as chances de incoerência em determinismos. O que está implícito no paradigma da história global, em nossa concepção, é que todo fenômeno sofre múltiplas injunções das mais variadas naturezas, origens e intensidades.

O trabalho de Beckert nos mostra claramente o entrelaçamento entre as conexões e a integração: as mudanças globais dão suporte e ao mesmo tempo são produto de conexões em constante transformação. Mais do que isso, também fica evidente que tais mudanças são promovidas pelas inúmeras combinações das ações concretas de homens e grupos reais, e não por estruturas metafísicas impessoais. Por conta da centralidade do comércio de algodão, diz Beckert (2014, p.17), sua história “é também a história do fazer e do refazer do capitalismo global e, conseqüentemente, do mundo moderno”. Em um período notavelmente breve, prossegue, empreendedores privados e homens de estado combinaram criativamente o uso de trabalho escravo, a expansão imperial e as novas tecnologias para reorganizar o comércio e a produção de algodão — e, nesse processo, acabaram por ajudar a mudar o mundo (BECKERT, 2014).

Na prática, a busca pela referência das integrações não significa necessariamente que o termo “global” implique alcance literalmente mundial, mas sim que, para cada questão em foco, devemos examinar até que ponto ela está relacionada com processos de grande escala. Muitos historiadores confinam *a priori* suas pesquisas em demarcações políticas e geográficas

preestabelecidas, e seria igualmente problemático pressupor processos globais logo de início (CONRAD, 2016). Ficker reflete esse problema quando indaga até que ponto é pertinente utilizar um enfoque global para estudar questões que não são globais em si mesmas — *i.e.* que não mostram em seu desenvolvimento dimensões de integração.

Para dizer em outras palavras, me pergunto se podemos apenas adotar uma perspectiva de história global com períodos e lugares nos quais se objetivou um processo de globalização, ou seja, de interconexão ou integração entre distintas zonas do mundo em uma entidade supranacional que compartilha certas pautas, ritmos, tempos. A implicação lógica seria que em épocas de “desconexão”, não havendo fenômenos interconectados a pesquisar, o apropriado seria um enfoque de história mundial convencional [...] [como] um “compêndio” de fenômenos, situações e eventos que têm lugar em diversas partes sem uma lógica comum subjacente, com independência um do outro. (FICKER, 2014, sp.).

A posição de Conrad (2016) segue a mesma linha. Para ele, a história global como perspectiva, estando intimamente ligada à avaliação do processo de integração global, torna-se, evidentemente, mais profícua quando explorada em períodos em que a integração apresenta certa densidade. “[A] história global é uma abordagem muito específica. Certamente não é um método universalmente válido para explicar tudo que já aconteceu sob o sol.” (CONRAD, 2016, p.91). Esse é um importantíssimo cuidado a ser tomado: ao fim e ao cabo, a proposta é não iniciar uma pesquisa com pressupostos de espaço e alcance. Ao contrário, é o próprio tema a ser estudado que indicará, no curso da pesquisa, quais são os processos relevantes ao objeto, bem como seu alcance (CONRAD, 2016).

O que “global” sugere, portanto, é uma abertura para perseguir conexões e a questão de causalidade além de demarcações convencionais e unidades espaciais; denota “simplesmente a preocupação metodológica em experimentar para além das fronteiras geográficas familiares”. (CONRAD, 2016, p.72).

Concluiremos esta seção com um último exemplo de Conrad (2016), que esclarece como a história global, ao atentar para as questões das conexões e das integrações, pode chegar a uma nova perspectiva no tocante a temas já muito estudados: as tentativas de se fazer uma história global do fascismo. Geralmente, abordagens tradicionais de história mundial concentram seus esforços em definir o termo “fascismo” por intermédio de uma lista de características essenciais — um modelo esquemático — que os movimentos políticos em questão deveriam apresentar para ser caracterizados como tal: a presença de um líder carismático, mobilizações de massa, nacionalismo

exacerbado, e assim por diante. Todas essas características são derivadas da experiência europeia: os processos japonês e argentino, por exemplo, não conseguiriam se encaixar nessa definição. Por intermédio da história global, historiadores têm prestado mais atenção nos contatos diretos e transferências entre os mais diversos regimes. Isso faz com que se consiga entender melhor em que medida a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini serviram como modelos inspiradores em diversos lugares do mundo.

Para além das conexões, um foco mais sistemático nas integrações globais salienta uma situação que se generalizou em âmbito planetário no período entre as duas guerras mundiais: a busca — entre a crise econômica do capitalismo e os riscos à propriedade privada apresentados pelas perspectivas de revolução social — de uma terceira via entre as propostas liberais de livre mercado e o comunismo, o que levou vários governantes a experimentar novas formas de mobilização e organização social. Dessa forma, os movimentos fascistas e suas conexões são explicados a partir de um contexto global de crise econômico-social, risco de radicalização política desde a esquerda e perda de confiança nas instituições então tradicionais do capitalismo.

Dessa perspectiva, a ausência deste ou daquele item da lista [...] — existia um partido de massa desafiando a ordem das coisas ou apenas mobilização “desde acima”?, por exemplo — é menos importante do que entender os diferentes casos como formas relacionadas, mas diferenciadas, de lidar com transformações estruturais e mudanças na ordem internacional. (CONRAD, 2016, p.79).

Considerações finais

Nossa intenção aqui foi tão somente apresentar um breve esboço do paradigma da história global, ainda insuficientemente conhecido no Brasil. À guisa de conclusão, é necessário dizer que dificilmente poderíamos considerar essa perspectiva como algo propriamente original. Podemos encontrar vários pensadores que, muito antes da história global vir à baila, defendiam, direta ou indiretamente, reflexões que colocassem causas de nível mais amplo como elemento indispensável. Basta pensarmos na última grande obra completa de Braudel, *Civilização material, economia e capitalismo*, publicada entre 1967 e 1979. As pesquisas de Braudel para esse trabalho o levaram a formular a noção de *tempo do mundo* para destacar como várias regiões do planeta foram se interconectando entre os séculos XV e XVIII, adquirindo a tendência a se mover

em ritmos semelhantes, em influência recíproca, formando um processo unitário.

Não obstante, consideramos que a maior contribuição da história global não reside em pretensões ao ineditismo — evidentemente, a construção do conhecimento pressupõe tanto acúmulo e resgate como revisão. O valor dessa perspectiva está em tentar recuperar a importância dos contextos mais amplos justamente em uma época de superespecialização acadêmica e fragmentação do conhecimento, tendências sem dúvida vantajosas e positivas do ponto de vista do rigor investigativo, mas problemáticas do ponto de vista da compreensão de processos gerais — o que, em última instância, acaba por prejudicar o próprio entendimento dos objetos de pesquisa em seus recortes específicos.

Nesse sentido, e pela época em que começa a despontar, a história global, sem negar de forma alguma as especificidades regionais, nos convida em última instância a abrir nossos horizontes. Uma abertura que, se não abandonarmos o rigor da pesquisa empírica, só pode ser positiva.

Referências bibliográficas

BECKERT, S. *The empire of cotton*. 1ª edição. New York: Vintage, 2015.

CONRAD, S. *What is global history?* 1ª edição. Princeton: Princeton University Press, 2016.

FICKER, S. K. Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. 27 março 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/66524>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.

ARTIGO

Cinema e fronteira: questões e apontamentos acerca do “estado da arte” das pesquisas atuais

*Cinema and frontier: questions and
notes about the “state of the art” of
current research*

*Cinema y frontera: cuestiones y
apuntamientos sobre el “estado de la
arte” en las pesquisas actuales*

Eduardo Barreto de Araújo

Resumo

O presente texto busca apresentar o levantamento de textos referentes à temática da “Fronteira” e do “Cinema e Fronteira” no banco de dados da Capes, UFSM (Programa de Pós-Graduação em História), no catálogo da Unbral Fronteiras, bem como em revistas no banco da Capes Periódicos. É propósito também levantar questões pertinentes ao estudo sobre revistas de cinema como fontes para a pesquisa e lançar proposições para campos de pesquisas futuras que busquem preencher lacunas nas pesquisas envolvendo o cinema e os espaços onde se manifesta de uma forma geral como fonte para a História.

Palavras-chave: Cinema; fronteira; identidades.

Abstract

The political environment experienced by Brazil was troubled by the deposition of President João Goulart by the military, a fact that unleashed the most repressive period in recent Brazilian history. The Pernambucan Press, like much of the national press, conservative, supports the coup, giving cheers to the victors of the "revolution.

Our work, therefore, aims to understand the characteristics of this relationship between the Catholic Church, the coup and the dictatorship, especially from the performance of the progressive clergy, highlighting how this clash was reproduced in the newspapers of Pernambuco, especially those of circulation in Recife and Caruaru.

Keywords: Cinema; border; identities.

Resumen

El presente texto busca presentar el levantamiento de textos referentes a la temática de la "Frontera" y del "Cine y Frontera" en el banco de datos de Capes, UFSM (Programa de Post-Graduación en Historia), en el catálogo de Unbral Fronteras, bien como en revistas en el banco de Capes Periódicos. Es también propósito plantear cuestiones pertinentes al estudio sobre revistas de cine como fuentes para la investigación y lanzar proposiciones para campos de investigaciones futuras que busquen llenar huecos en las investigaciones envolviendo el cine y los espacios donde se manifiesta de una forma general como fuente para la Historia.

Palabras clave: Cine; frontera; identidades.

O presente texto busca apresentar o levantamento de textos referentes à temática da “Fronteira” e do “Cinema e Fronteira” no banco de dados da Capes, UFSM (Programa de Pós-Graduação em História), no catálogo da Unbral Fronteiras, bem como em revistas no banco da Capes Periódicos e teorizar a respeito da questão da fronteira no gênero de filme western. É propósito também levantar questões pertinentes ao estudo sobre revistas de cinema como fontes para a pesquisa e lançar proposições para campos de pesquisas futuras que busquem preencher lacunas nas pesquisas envolvendo o cinema e os espaços onde se manifesta de uma forma geral como fonte para a História.

Tal material se resume em artigos, dissertações e teses. Também se buscou problematizar e apresentar uma definição do conceito levando em consideração as relações teóricas entre o cinema e as fronteiras culturais que perpassam a definição e formação de identidades, tão presentes nas narrativas fílmicas ao longo do século XX.

Foram selecionados para este texto sobre o “estado da arte” acerca de pesquisas que envolvam a temática central do cinema aqueles que dialogavam com questões como fronteira, estética, representação e crítica cinematográfica. A Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) possui um endereço eletrônico, cujo endereço é www.socine.org, onde disponibiliza para download, em formato PDF, diversos livros resultantes dos encontros realizados ao longo dos anos de atividade da mesma. Nesta pesquisa pude selecionar 18 arquivos, que tratam de assuntos como: crítica cinematográfica, estética e representação cinematográfica. Serão muito importantes para o aprofundamento teórico da pesquisa.

Este texto corresponde também a um levantamento das pesquisas que mesmo tendo o cinema como o objeto principal tragam em seu corpo uma discussão acerca das definições e da problemática da fronteira e indiquem meios possíveis de elucidarem as perguntas que se fazem sobre tal quando se trabalha com a sétima arte.

Então foi intenção deste artigo acerca do “estado da arte” realizar uma atualização das pesquisas envolvendo questões pertinentes à fronteira no cinema de, bem como apresentar uma breve abordagem da questão da fronteira

de forma mais detalhada através da figura do *cowboy* no western, e por fim, da produção de identidades culturais no âmbito das fronteiras.

Uma busca por “Fronteira e Cinema” no catálogo de Teses e Dissertações da Capes obteve 19.928 resultados onde 14.554 são dissertações de Mestrado e 4.984 são teses de Doutorado. Uma nova busca no catálogo de Teses e Dissertações da Capes pela palavra “Cinema” encontrou 6.452 resultados, sendo eles 991 na área de Ciências Humanas e as demais divididas nas outras áreas. Foram 515 em História, destes, 130 Doutorado, 370 Mestrado, 8 Mestrado Profissional, e 7 Profissionalizante. Do total desta pesquisa foram selecionados 45 resultados para a proposta de definição do conceito de fronteira dentro do campo do cinema, envolvendo as narrativas e representações que envolvem o conceito quando trabalhado em cena.

Os trabalhos que envolvem cinema dentro da área de História geralmente se concentram na análise puramente fílmica como objeto principal do estudo. Assuntos como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria (particularmente a temática do Comunismo), Faroestes e o cinema como um instrumento de propaganda de governo dominam as pesquisas. Dentro destes temas citados encontram-se as mais variadas e muitas vezes repetidas pesquisas.

No entanto para fins de busca sobre pesquisas que contenham o cinema como tema principal o resultado é muito rico. Em termos de discussões acerca dos elementos estéticos, usos políticos e contextos diversos em que o cinema se desenvolveu e se fortaleceu como expressão artística não há dúvida que todas dissertações e teses contribuem muito. Portanto há uma lacuna quanto ao estudo do cinema como meio de representação social e como a crítica cinematográfica encara e define estes modos de representação. Uma crítica de cinema para além da análise puramente fílmica ou para além da sinopse da obra.

A fronteira no cinema como representação: o caso do western

Sendo o cinema uma das formas de manifestação humana, criada em fins do século XIX e aprimorada em seus aspectos técnicos e estéticos ao longo do século XX, é intenção abordar aqui de que maneira a fronteira é representada nos filmes entre os anos que abrangem a pesquisa, tentando dialogar com o resultado das buscas no banco de teses e dissertações da Capes citados anteriormente e do resultado encontrado de artigos, dissertações e teses disponíveis. Seleccionamos como exemplo o faroeste americano. Mas antes uma discussão sobre uma proposta de definição de fronteira e também de culturas era apresentada brevemente.

A fronteira pode ser política, física, simbólica ou cultural. Mesmo em suas diversas formas a fronteira é construída, ela não existe *a priori*, se constitui em função das diversas narrativas que definem determinada cultura, seja ela dominante ou não, dentro daquele espaço que se define como fronteira.

Achar um caminho onde a definição de fronteira no campo cinematográfico ultrapasse a análise puramente fílmica, uma análise estética apenas, é tarefa difícil. Definir por si só o conceito de fronteira já é uma tarefa árdua, onde há diversos caminhos e maneiras de se estabelecer o que seria a fronteira. Como citado anteriormente, ela é apenas física, política, física por consequência do imperativo da política, cultural, imaginada, simbólica dentro daquilo que podemos aceitar como os costumes e práticas que definem uma identidade que por consequência define e estabelece sua fronteira em relação ao “outro”, ou apenas uma mera representação que resulta da construção daquilo que hoje se conhece por nação? Afinal existe uma definição que contemple o máximo possível desses questionamentos?

Proponho pensar na questão das identidades desenvolvidas por Stuart Hall (2006) e como elas evoluem e se modificam de forma rápida e aquilo que antes era tido como um exemplo prático e duradouro hoje se dissipa rapidamente. As identidades culturais são discursos que se modificam e se refazem de uma forma que antes não era permitido. Não havia assim por se dizer um espaço para práticas culturais que influenciassem a construção na

maioria das vezes inconsciente das identidades sociais como os tempos atuais permitem.

Se levarmos em conta esse tipo de linha de pensamento podemos também pensar na velocidade problematizada por Paul Virilio (1993) que perpassa toda a sua obra, onde afirma que toda tecnologia provém das guerras, e como mecanismos militares influenciam e moldam as práticas sociais, modificando assim toda a estrutura anterior dos grupos. O que pretendo dizer com isso é que se o cinema é uma ferramenta onde as práticas sociais, os códigos culturais, os sistemas assim por dizer, são representados, a velocidade com a qual o próprio cinema interagiu ao longo do século XX influencia diretamente em sua forma de representar as identidades. Vejamos o exemplo da fronteira e de como Hollywood representou a expansão para o Oeste na figura do caubói.

O homem cujos valores são a ética, a justiça e uma noção de progresso que entra em conflito com o atraso dos povos nativos, que por sua vez são definidos e representados como matreiros, bandidos, e um empecilho ao ideal de nação em progresso defendido pelo discurso americano, que se traduzem muito bem nos clássicos de faroeste. Hobsbawm em “Tempo Fraturados: Cultura e Sociedade no Século XX” (2013) já indaga e questiona, afirmando que o mito do caubói é o elemento “*sui generis*” da fronteira. Seus valores e suas práticas que são reflexos da modernidade nascente e da civilização em contraste com a barbárie e o atraso dos “outros” povos. E isto será um dos símbolos formadores da fronteira americana.

Se analisarmos minuciosamente a pesquisa dos bancos de dados outrora citados, encontraremos a temática da fronteira em alguns trabalhos na forma de análise fílmica dos chamados “faroestes”. Em particular apresentou-se a dissertação de mestrado de César Henrique Guazzelli e Souza (2014) intitulada “A subversão da fronteira: o “spaghetti western” como crítica ao ideal de progresso”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A “subversão” proposta aqui se dá no sentido de que o ideal de progresso atribuído ao “cowboy” americano, que na sua luta contra os “malvados” índios contribui para a expansão para o Oeste é totalmente invertida e apresentada

como se fosse algo antagônico ao que representou tanto o cinema norte-americano.

O heroísmo, a bravura, a honra somem e dão lugar ao banditismo, a violência e a truculência com que este mesmo cowboy herói antes agora seja representado como o vilão da história. Outras teses e dissertações também problematizaram o tema da fronteira, e estão citadas nas referências, mas optei por selecionar apenas a citada acima visto que inverte o papel consagrado dado ao cowboy em seu “habitat natural”, a fronteira.

Ora, se lembrarmos que Frederick Jackson Turner (1893) em seu “Significado da Fronteira na História Americana”, já defende a expansão para o Oeste e a ampliação da fronteira americana como algo positivo, veremos a importância desse diálogo proposto na dissertação visto que se trata de uma proposta onde os valores da expansão para o Oeste sejam questionados e, seja alvo de paródias através do cinema italiano, realmente pode ser encarada como uma subversão.

Levando em conta que o homem que expande a fronteira americana rumo ao Oeste entra em contato com povoações nativas e o conflito, bem como as relações que daí surge, forja sua identidade, há no espaço dessa fronteira que se expande um espaço para a discussão e o estabelecimento daquilo que Fredrik Barth (1976) levantou, que as relações sociais, étnicas, formam identidades dos grupos e que a convivência e troca, assim como a geografia, definem as relações comerciais e culturais que resultam nos traços culturais de um grupo maior, que pode ser considerado como nação e que em suas particularidades é formado por diversos outros grupos étnicos. Nesse trabalho de César Henrique Guazzelli e Souza o mito da fronteira e seu ideal de progresso são questionados e representados como negativos. Nas palavras do próprio autor:

...os *spaghetti westerns* subverteram as regras do *western* clássico americano e, dessa forma, construíram uma representação do mito da fronteira em negativo, que dá a ver a conquista do oeste não como uma marcha do progresso ou uma jornada civilizadora, mas como um caminho cujo legado é a entronização da barbárie (SOUZA, 2014, p. 26).

Ora temos aqui uma forma de representar a fronteira “às avessas”. Particularmente o cinema tem a possibilidade de subverter valores dados como

verdadeiros e lançar uma nova leitura sobre fatos. A narrativa de uma obra cinematográfica permite milhares de representações e interpretações de um mesmo tema. Jamais se esgotam as possibilidades. Lembrando que a geografia e o meio onde o homem vive não determina mas influencia seu comportamento, sua prática cultural, e por assim dizer ajuda a definir, moldar a fronteira, algo que Fredrik Barth e seus pares compartilham e discutem em *“Los Grupos Etnicos y Sus Fronteras”* (1976) e que é também problematizado nas definições acerca do conceito de cultura em Roque de Barros Laraia (2001). Ou seja, a gama de possibilidades e instrumentos naturais ou não, no caso aqueles criados pelos grupos, são os formadores e definidores do que reconhecemos como fronteiras.

Cinema: espaço de representação das fronteiras culturais

O que seria uma fronteira cultural afinal? Seriam as manifestações culturais que definem o “eu” e o “outro” a partir das práticas? Seriam o idioma, a religião, a música exemplos de fronteiras culturais? Mas a mesma fronteira cultural que define e pode separar pode fazer unir os “diferentes” dentro daquilo que a modernidade intitulou como nação. Se levarmos em conta que a cultura pode ser definida como um conjunto de sistemas e representações que são passados de geração em geração, e sua prática permite a sobrevivência do indivíduo dentro do grupo social em que se insere, e também garante a sobrevivência do grupo ao longo dos tempos, numa aproximação daquilo que desenvolveu Roque de Barros Laraia em *“Cultura: um conceito antropológico”* (2001), então também podemos considerar o cinema como um dos sistemas de representação que ao longo do século XX se desenvolveu e aprimorou o seu modo de representar estes códigos de sistemas dos grupos sociais.

Sobre a prática simbólica nas ações dos grupos sociais que resultam na afirmação ou na negação das fronteiras culturais e a compreensão destas representações simbólicas que definem também o “eu” e o “outro” Sandra Jatahy Pesavento define que

É por esse viés de compreensão da fronteira que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se ou “outros” com relação a “nós” e vice-versa. Portanto, o “recorte” epistemológico que “encerra” o conceito de fronteira é capaz de, paradoxalmente, anular

este mesmo critério do espaço e avançar para o plano dos significados partilhados (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Então o cinema e suas representações das fronteiras culturais são um meio também de compreender o sistema de símbolos de um determinado grupo social, levando em conta as narrativas que se faz da fronteira ou das fronteiras em pleno desenvolvimento, contração ou dilatação.

Não podemos cair na tentação dos “ismos” como disse Pierre Bourdieu (2008) para definir o modismo de novo século. Levando em consideração aquilo que foi advertido como o perigo dos “ismos” e das definições que ultrapassam os limites tentando definir algo que a prática social coloca em xeque e põe por terra muitas vezes. Alguns parâmetros que formaram e definiram as fronteiras ainda permanecem imutáveis. Como o aspecto político e bélico de muitos locais, que entram em conflito com as práticas culturais do novo século e tencionam assim a relação com o discurso que acaba por reforçar muitas vezes valores que se encontram na origem das questões fronteiriças.

O “não-lugar”, o “não-pertencimento”, as identidades voláteis se dissipando no discurso da necessidade de adaptação aos “novos tempos”, que na realidade produzem uma volta ao antigo, a barbárie e a fronteira interna ou externa expõe esse conflito muito bem, de forma bem clara, vide as questões étnicas ainda presentes no leste europeu, a crise de imigração para a Europa e o debate em torno da aceitação destes “novos membros” em uma sociedade fechada em valores rígidos mas que construiu sua economia alicerçada na mão-de-obra imigrante, no caso da Alemanha, ou mais perto de nossa realidade, o caso da Venezuela e o movimento migratório resultante do caos político, econômico e social que bate às portas da fronteira brasileira e exige uma política de acolhimento destes indivíduos, que também gera um debate social e desperta o discurso muitas vezes de reforço de uma identidade nacional que feche a fronteira ao vizinho na manutenção daquilo que falei anteriormente, uma criada, recente e baseada em valores duvidosos de unidade, a nação.

A velocidade produz um desequilíbrio na estabilidade daquilo que outrora era definido como fronteira. As identidades e suas mudanças que ao longo do século XX percebemos e acompanhamos se evidencia cada vez mais

naquilo que podemos definir como “cinema distópico”, tão comum nos últimos anos. Seria influência, ou resultado das dilatações e interações sociais que ultrapassam os limites antes definidos e rígidos da fronteira? Seria a cultura o elemento cada vez mais determinante para que a fronteira definitiva seja testada e entre em conflito com os ideias daquilo que antes se definia como a nação? Se a resposta for sim, pode-se encontrar na velocidade das trocas culturais e na velocidade com que os grupos sociais interagem os principais responsáveis por isso. Se o cinema foi de poucos e lentos quadros por segundo em seu início desacreditado por muitos, hoje ele avança em frames mais velozes e que proporcionam uma velocidade de representação que traduz em muitos sentidos o dia a dia.

Ora, o cinema e seus FPS (*Frames* por segundo) cada vez mais velozes contribuem para a percepção de tempo veloz. E nunca antes o cinema passa tão bem a ideia do “tempo-valor” de Paul Virilio (1993). Velocidade como sinônimo de sucesso. Falácia defendida e difundida como ideal de progresso.

O cinema contribui na disseminação de valores que influenciaram na construção do homem moderno, a arte, a expressão criando um espaço de narrativa da modernidade e contribuindo para a representação da identidade, que com o avançar da velocidade cria possibilidades diversas de percepção, recepção e de associações do indivíduo dentro dos grupos sociais.

No “ciberespaço” de Paul Virilio, a ordenação do tempo e da velocidade encurta os espaços e necessariamente modificam a ideia de pertencimento que as fronteiras outrora garantiram. Neste sentido o cinema torna-se uma fonte rica de conhecimento desta evolução de representatividade e narração do conceito de fronteira cultural. Onde se representa na tela os valores daquilo que é visto como cultura e se fortalecem as práticas que formam a fronteira, seja ela política, social, cultural ou simbólica.

A dissertação de Maurício José de Souza Júnior (2014), sob o título de “O Cinema e a Grande Guerra (1914-1918): os filmes sob as perspectivas do regime estético das artes de Jacques Rancière e dromologia em Paul Virilio” problematiza esta questão e faz apontamentos na direção de como a velocidade

interfere na percepção das representações cinematográficas e indica caminhos ainda não percorridos nas pesquisas sobre o cinema.

Crítica cinematográfica: um campo a ser explorado

Então se torna um desafio analisar a crítica cinematográfica e problematizar como foi recebido ao longo do período da pesquisa, entre os anos de 1929 até 1967, estas questões. Identificando no discurso dos críticos e na análise das obras a percepção destas narrativas fílmicas e suas representações sobre temas que abrangem a cultura do homem moderno, a partir daquilo que o cinema definiu como modernidade e que os críticos tanto se empenharam nas revistas em deixar claro do que se tratava. A dissertação de Fernanda Generoso (2016) intitulada “A serviço do cinema: História e Cultura Política nas revistas *A Scena Muda* e *Cinearte* na década de 1930”, indica um caminho de análise a respeito das revistas e sua importância no debate acerca do conceito de modernidade:

Neste aspecto, as revistas ilustradas das primeiras décadas do século XX devem ser entendidas como parte de um sistema cultural, lugar de estruturação de redes de sociabilidade que auxiliam na formação da ideia de modernidade (GENEROSO, 2016, p. 9).

Três pesquisas contribuíram muito no sentido de definir o papel e a importância das revistas e dos críticos de cinema. Uma tese escrita por Hélio Moreira da Costa Júnior (2015) intitulada “O Onírico desacorrentado: o movimento cineclubista brasileiro (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928 - 1988)” e defendida na Universidade de São Paulo que perfaz o caminho do movimento cineclubista brasileiro, com ênfase ao cineclubes Chaplin-Club, apresentando os primórdios daquilo que se concretizaria ao longo dos anos como o corpo de crítica cinematográfica brasileiro.

A tese também discute questões estéticas que se fizeram presente no trabalho dos críticos, bem como uma modificação de postura nos anos que se caracterizam como anos de chumbo dentro da ditadura civil-militar brasileira

até sua abertura política e como se manteve ainda em atividade mesmo quando se demonstrou um enfraquecimento da atividade dos cineclubes.

Um trabalho muito importante pelo fato de que nos anos 20 o cineclubismo, que nasce na França torna-se também o lugar por excelência de muitos daqueles que viriam a ser os críticos de cinema das principais revistas do Brasil, especializadas no assunto ou que proporcionavam um espaço generoso em suas páginas para a discussão acerca das obras cinematográficas que chegavam aos cinemas mundiais e brasileiros. Nesse sentido a leitura da tese colaborou para a compreensão deste processo de surgimento e fortalecimento das relações dentro dos cineclubes brasileiros.

A tese de autoria de Margarida Maria Adamatti (2015) com o título de “A crítica cinematográfica no jornal alternativo *Opinião*: frentismo, estética e política nos anos setenta”, defendida na Universidade de São Paulo. Mais um trabalho que também demonstra como a prática da crítica cinematográfica foi de extrema importância no período da ditadura civil-militar no Brasil. A tese apresenta como críticos importantes como Jean-Claude Bernardet, Sérgio Augusto, Marcos Ribas de Farias, Gustavo Dahl, José Carlos Avellar e Clóvis Marques apresentaram suas críticas e de que maneira as mesmas traziam discussões acerca das questões políticas, estéticas e do papel do intelectual, bem como questões de cultura popular e linguagem cinematográfica. A questão principal da tese se encontra no fato de tentar mapear e apresentar a tentativa de consolidar o campo do cinema brasileiro na década de 70 e de como a prática dos críticos de cinema se insere num panorama mais amplo de resistência cultural.

E a dissertação “Além da crítica: Os Intelectuais do Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas e suas relações com o poder (Anos 60)”, de autoria de Gláucia de Almeida Campos (2015) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus vai ao encontro dos outros trabalhos no sentido de demonstrar como o trabalho dos críticos de cinema foi importante para o desenvolvimento da prática ao longo do século XX no Brasil, porém traz um elemento novo ao incorporar uma análise crítica de como estes intelectuais que atuavam na crítica de cinema e dos estudos acerca

da sétima arte se relacionavam com os círculos de poder da sociedade onde se inseriam, buscando o que a autora define como afirmação social.

Aborda também uma discussão interessante dentro da teoria dos conceitos de *Habitus* e *Campo Social*, elaborada por Pierre Bourdieu para tratar os processos de disputas simbólicas e representações dentro do campo de poder ao qual pertenciam.

Conclusão

Foi objetivo realizar como citado um levantamento dos trabalhos acerca do cinema, da questão de fronteira, especificamente do gênero western e as problemáticas da identidade na fronteira que o gênero representou nas telas ao longo dos anos.

Este levantamento faz parte de uma pesquisa mais ampla envolvendo o cinema, como a questão da crítica cinematográfica, dos periódicos que problematizam o cinema de alguma maneira e de questionamentos mais amplos, como as representações das identidades nas obras fílmicas.

Por fim, ficou evidente que tais campos ao serem explorados por historiadores a fim de ampliarem as pesquisas, levantam também outros questionamentos sobre o conceito de cultura e os meios onde o debate entre cinema, modernidade e cultura se iniciaram.

O cinema se caracterizou por ser um destes locais de cultura, representando as mais diversas narrativas, sejam as narrativas nacionais acerca da fronteira política ou cultural. É certo que no espaço entre seu nascimento e seu desenvolvimento pleno como instrumento de expressão artística, o cinema garante um espaço sólido e ainda em desenvolvimento quanto à pesquisas que envolvam as capacidades de representação, o modo de sua narrativa, para além da estética dos elementos que o compõem, bem como dos críticos e de seu trabalho que evolui e se aprimora juntamente com as obras fílmicas.

Então se espera com este trabalho quantificar de certo modo e qualificar um “norte de pesquisa”, bem como realizar o chamado estado da arte das pesquisas envolvendo cinema. Um levantamento dos trabalhos desenvolvidos e

em desenvolvimento, que tratem das questões problematizadas ao longo do artigo.

Referências Bibliográficas

ADAMATTI, Margarida Maria. **A crítica cinematográfica no jornal alternativo *Opinião: frentismo, estética e política nos anos setenta***.477 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais – Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2015.

BARTH, Fredrik. **Los Grupos Etnicos y Sus Fronteras: La organización social de las diferencias culturales**. 1976.

CAMPOS, Gláucia de Almeida.- **Além da Crítica: Os Intelectuais do Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas e suas relações com o poder (Anos 60)**.129 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2015.

GENEROSO, Fernanda. **A serviço do cinema: História e Cultura Política nas revistas *A Scena Muda* e *Cinearte* na década de 1930**. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História Social no setor História Contemporânea II. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **Tempos Fraturados: Cultura e sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2 013.

JÚNIOR, Hélio Moreira da Costa.**O Onírico Desacorrentado: o movimento cineclubista brasileiro (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928 - 1988)**.256 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2015.

JÚNIOR, Maurício José de Souza. **O Cinema e a Grande Guerra (1914-1918): os filmes sob as perspectivas do regime estético das artes de Jacques Rancière e dromologia em Paul Virilio**.158 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena(org). **Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SOUZA, César Henrique Guazelli e. **A subversão da fronteira: o spaghetti western como crítica ao ideal de progresso**. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás, GO, 2014.

VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.